

## **A mulher e a espiritualidade na Época Moderna: modelos comportamentais e critérios de exemplaridade no Agiologóio Lusitano**

Ana Catarina Lebres Lopes

up201805590@up.pt

### **Resumo**

A principal temática do presente artigo prende-se com a situação e do estatuto da Mulher na época Moderna. Neste sentido, e partindo do conhecimento adquirido de que a sociedade do período moderno era, ainda, fortemente influenciada pela doutrina cristã e pela espiritualidade, questionou-se qual seria o perfil da mulher, quais seriam os critérios de exemplaridade e os comportamentos defendidos pela Igreja Pós-Trento, de modo que a Mulher vivesse em concordância com a fé católica. Desta forma, sendo a literatura hagiográfica um dos principais métodos utilizados, na Idade Moderna, para ensinar e educar a população na tradição cristã, espera-se, através da análise do Agiologóio Lusitano fundamentar o estudo em curso e aferir as características principais dos modelos femininos portugueses e os principais paradigmas comportamentais e virtudes esperados na Mulher portuguesa do século XVII e XVIII.

**Palavras-chave:** Mulher; Espiritualidade; Critérios de Exemplaridade; Agiologóio Lusitano; Época Moderna.

### **Abstract**

The main focus of this article is related to the situation and statute of Women in the Early Modern Period. In this sense and assuming the acquired knowledge that the society of this period was still strongly influenced by Christian Doctrine and Spirituality, it was questioned what would be the profile of the women, what would be the criteria of exemplarity and the behaviors defended by the Catholic Church, post-Trent, so that Women would live following their Faith. Therefore, being the hagiographic literature one of the main methods used, in the Early Modern Age, to teach and educate the population in the Christian tradition, it aims to assess the main characteristics of the Portuguese feminine models and the main behavioural models and virtues expected for Portuguese Women in the 17th and 18th centuries, through the *Agiologóio Lusitano*.

**Keywords:** Woman; Spirituality; Criteria of Exemplarity; Agiologóio Lusitano; Early Modern Age.

### **Abreviaturas**

3.ºOP .....	ORDEM TERCEIRA DE S. DOMINGOS
O. AVIZ .....	ORDEM MILITAR DE S. BENTO DE AVIZ
O. CISTER .....	ORDEM DE CISTER
O. CONCEP. ....	ORDEM DAS CONCEPCIONISTAS
O. MALTA .....	ORDEM DE MALTA
OC .....	ORDEM DE NOSSA SENHORA DO CARMO

OCD .....	ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS
OESA .....	ORDEM DOS EREMITAS DE S. AGOSTINHO
OP.....	ORDEM DOS PREGADORES
OSA.....	ORDEM DE S. AGOSTINHO
OSANT .....	ORDEM MILITAR DE SANTIAGO
OSB .....	ORDEM DE S. BENTO
OSBRIG.....	ORDEM DE S. BRÍGIDA
OSC .....	ORDEM DE S. CLARA
OSH.....	ORDEM DE S. JERÓNIMO
OSST .....	ORDEM DA SANTÍSSIMA TRINDADE
OTC.....	ORDEM TERCEIRA DO CARMO
OTSF .....	ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO
SJ.....	COMPANHIA DE JESUS

## Introdução

No presente artigo procura-se inferir a situação e o perfil da Mulher portuguesa na época Moderna, em particular nos séculos XVII e XVIII, a partir do esquadramento e verificação de um universo de mulheres selecionado do *Agiologio Lusitano*<sup>1</sup>. A questão da desigualdade entre géneros é uma das principais prioridades e preocupações da atualidade<sup>2</sup>, justificando, desde logo, o interesse por esta problemática, uma vez que o estudo da Mulher se revela crucial para o entendimento das respetivas desigualdades e clivagens em relação ao homem, que persistem até ao dia de hoje.

A Igreja, e os seus ensinamentos, são tidos como os grandes responsáveis pelo estabelecimento das condutas a serem seguidas na sociedade moderna portuguesa<sup>3</sup> e a literatura religiosa<sup>4</sup>, em particular, a literatura hagiográfica – que deve ser, aqui, entendida como uma orientação para uma vida virtuosa e para a elevação do espírito, através da apresentação de modelos – mostram-se essenciais, uma vez que os santos auxiliam no

---

<sup>1</sup> De modo, a simplificar a identificação e menção da obra: CARDOSO, Jorge – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652, e os restantes volumes II, III e IV, será designada somente por “*Agiologio Lusitano*” ou, simplesmente, “*Agiologio*”.

<sup>2</sup> Organização das Nações Unidas: As Metas Globais - Resultados de pesquisa [Em Linha]. [Consult. 04 out. 2020] Disponível em WWW: <URL: <https://www.globalgoals.org/>>

<sup>3</sup> HESPANHA, António Manuel (cord.) - “O Antigo Regime (1620-1807)”. In MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculos de Leitores, 1993, pp. 273-278.

<sup>4</sup> Quando nos referimos a literatura religiosa devemos ter em consideração que “a literatura religiosa ou de espiritualidade, em Portugal, na Época Moderna, implica pertinentes questões de definição e identidade, na medida em que o universo que hoje pode entender-se como tal estava nos séculos em causa imperfeitamente delimitado.” - [AZEVEDO, Carlos Moreira – “*Dicionário de História Religiosa de Portugal*”. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol.1, 2, 3 e 4, p.125].

ensino e a hagiografia educa a população na tradição cristã. Este tipo de literatura era, muitas vezes, mais influente do que os decretos e vigilâncias institucionais, visto que apresentavam modelos e mimetismos acessíveis e que marcavam a espiritualidade dos fiéis. Posto isto, é indispensável interrogarmo-nos sobre qual é o perfil da Mulher portuguesa representada nesta literatura e quais são os critérios de exemplaridade defendidos e prezados na fé católica. Quem são estas pessoas ilustres? Quais são as principais características que estes modelos femininos possuem?

No seguimento destas questões pretendemos analisar o *Agiológio Lusitano* no sentido de, antes de mais, fazer uma divisão do seu conteúdo por género e, de seguida, procurar nas biografias aí presentes, critérios de perfeição, que se deveriam encontrar refletidos no comportamento das portuguesas em geral. Além disso, por não se tratar de uma obra redigida tendo como propósito o universo isolado das mulheres nem o disciplinamento do género feminino, procuramos sistematizar reiteradamente os dados necessários para a recolha de indicadores comuns que caracterizam os modelos de santidade. Seguindo este pressuposto, temos de alertar para o facto de que a Santidade foi um fenómeno ideológico, social e cultural que caracterizou a época Moderna e, portanto, não pode ser ignorado pela História.

De modo a priorizarmos um discurso lógico e encadeado, começaremos por analisar a bibliografia consultada e, de seguida, a fonte utilizada. Posteriormente, avançaremos para a apresentação da análise quantitativa e qualitativa dos dados recolhidos, sendo que a exposição se encontra dividida em três momentos: por um lado, trataremos de traçar o perfil das biografadas no *Agiológio Lusitano*, de forma a interpretar tendências verificadas, que possam ser estendidas no contexto nacional e auxiliar no entendimento da problemática da mulher associada à espiritualidade neste período; por outro, procuraremos indagar sobre alguns casos de manifestações e práticas extraordinárias referidos na fonte, que aproximavam o indivíduo da santidade; por fim, procederemos a uma abordagem mais complexa, que versa sobre os critérios de exemplaridade e os padrões comportamentais observados e que deveriam ser imitados.

## **1. Estado da Arte**

Esta investigação engloba e relaciona o tema da Mulher e da Espiritualidade, através do *Agiológio Lusitano* pelo que se tornou necessário contextualizarmos as grandes temáticas que a alicerçam. Vale, antes de mais, ressaltar que, da bibliografia selecionada,

se salientam os estudos de Maria de Lurdes Fernandes, que ao longo da sua carreira tem vindo a desenvolver diversos trabalhos referentes à mulher, espiritualidade e cultura no Portugal Moderno e, por essa razão, é possível identificar várias investigações científicas suas relacionadas com as três temáticas em análise.

Atualmente a História das mulheres pauta-se pela diversidade de temas e abordagens, contudo procura, ainda, o caminho, no sentido de consolidar uma perspetiva de história de género que reconheça nas mulheres agentes, a par dos homens, na construção da sociedade<sup>5</sup>. A leitura de uma vasta bibliografia dedicada a este tema teve o intuito de compreender a situação da Mulher na Europa da Idade Moderna, a sua vida, sociabilidade, funções e condições<sup>6</sup>, e permitiu inferir a ideia de que durante a história da Cristandade Ocidental, a Mulher foi considerada como um ser inferior ao seu homónimo masculino – incluindo na área jurídica e institucional – e, sem dúvida, a tradição cristã contribuiu para esta conceção redutora do feminino, demonstrando uma profunda desigualdade de género, nos diversos aspetos da vida social, económica e cultural, incentivada, igualmente, pelo Direito<sup>7</sup>.

Partindo do conhecimento de que se trata de uma época de profundas mudanças sociais e culturais, impulsionadas pela própria Reforma Católica, “materializada” no Concílio de Trento<sup>8</sup>, questionamo-nos sobre o que a literatura hagiográfica procurava inculcar na sociedade portuguesa no que concerne à Mulher. Para alcançarmos este

---

<sup>5</sup> FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Marques, Tiago Pires (cord.) – “*Vozes da vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*”. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia. Centro de Estudos de História Religiosa, 2015, p.7.

<sup>6</sup> Para uma panorâmica geral, remete-se para DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.) – “*História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*”. Porto: Edições Afrontamento, [D.l. 1993-1995]. Vol.3.

<sup>7</sup> HESPANHA, António Manuel (cord.) - “*O Antigo Regime (1620-1807)*”, pp. 273-278.

<sup>8</sup> O Concílio de Trento marcou a história do catolicismo, no sentido em que representou o culminar dos movimentos da Reforma Protestante e da Contrarreforma. Neste, implementou-se um conjunto de medidas que procuraram, acima de tudo, reorganizar a Igreja Católica e fazer face às propostas do movimento Protestante. No século XVII português, na sequência deste movimento disciplinador pós-Trento – segundo Paula Mendes, embora exista discussão em torno deste conceito - a literatura religiosa e de espiritualidade revestiu-se de um peso significativo nos países católicos, como forma de combate às duras críticas colocadas pelos protestantes. Esta situação incluiu a própria hagiografia que era constantemente colocada em causa, em virtude do exagero conferido aos episódios relacionados com o “maravilhoso”, das vidas dos santos e nos milagres das pessoas ilustres, em detrimento da adoração de Cristo e do próprio Deus. Assim, assiste-se a um movimento editorial maior e que se manteve desde o século XVI, até finais do século XVIII. Tal fenómeno não pode ser somente explicado pela designada ofensiva contrarreformista no campo da hagiografia, em consequência dos decretos tridentinos relativos ao culto dos santos, deve também ligar-se ao gosto pela heroicidade que o período pós-Tridentino impulsionou, novamente, com os movimentos humanistas caracterizadores desta época. - [MENDES, Paula Cristina Almeida – “«Vidas», «Histórias», «Crónicas», «Tratados»: sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séculos XVI -XVIII)”. In *Lusitana Sacra: revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, nº 28 (2013). pp.173-215]

objetivo, foi, antes de mais, imperioso ter o conhecimento, ainda que muito amplo, da Mulher, nas suas diversas vertentes: solteira, casada, viúva, religiosa ou beata.

Relativamente à aceção leiga, destacam-se três estudos. Analisando-os, foi possível conhecer o modelo de “boa esposa”, atentando na educação da mulher para as funções conjugais<sup>9</sup>. É, também, possível compreender mais detalhadamente os moldes comportamentais esperados na viúva<sup>10</sup>. E, por fim, contempla-se a nobre-donzela, casada ou viúva, possibilitando perceber os comportamentos que os textos educativos difundiam para a mulher nobre<sup>11</sup>. A fim de completar o conhecimento sobre esta dimensão, procurou-se utilizar obras que explorassem outras problemáticas, como o papel da mulher na família<sup>12</sup>, no casamento<sup>13</sup>, a sua presença no direito e jurisdição portugueses<sup>14</sup> ou os estereótipos associados à mulher no período moderno<sup>15</sup>, o que possibilita o entendimento, por exemplo, da *mãe-exemplar*.

No que concerne à mulher religiosa, utilizaram-se, sobretudo, dois estudos que auxiliam na compreensão da mulher na vida religiosa, ou seja, por um lado, é contextualizada a situação da religiosa portuguesa na cronologia em questão e apresentadas as grandes expressões de religiosidade e misticismo em Portugal<sup>16</sup>. Por outro, explora-se a questão dos beatérios e a relação entre beatas e santidade, apresentando, assim, uma nova perspetiva relacionada com o grupo específico de mulheres seculares que almejavam a santidade e a vida religiosa<sup>17</sup>.

---

<sup>9</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Espelhos, Cartas e Guias: Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*”. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1995.

<sup>10</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Viúvas ideais, viúvas reais: modelos comportamentais e solidão feminina (séculos XVI-XVII)”. Separata in *Faces de Eva: estudos sobre a mulher*. Nº 1-2 (1999), pp. 51-86.

<sup>11</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Francisco de Monzón e a “princesa cristã”. Separata in *Espiritualidade e corte em Portugal: séculos XVI a XVIII*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987. (Anexo da Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas), pp. 109- 121.

<sup>12</sup> CAEIRO, Maria Margarida – “A Mulher na Família nos séculos XVI e XVII”. In *A Mulher na História: Actas do colóquio sobre temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita, 2000, pp. 192-202.

<sup>13</sup> SERRA, Pedro – “Da figura histórica à voz anónima. Aproximação aos exempla femininos no discurso moralístico sobre o casamento (séculos XVI- XVIII)”. In *eHumanista: Universidade da Califórnia*, 2001. Vol.1, pp.98-118.

<sup>14</sup> SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini – “*Direito e Género: Rui Gonçalves e o Estatuto jurídico das mulheres em Portugal no séc. XVI (1521-1603)*”. Goiás: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de ciências Humanas e Filosofia, 2007.

<sup>15</sup> LOPES, Maria Antónia - “Estereótipos de ‘a mulher’ em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”. In ROSSI, Maria Antonietta– *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)*. Viterbo: Sette Città, 2017, pp. 27-44.

<sup>16</sup> FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Marques, Tiago Pires (cord.) – “*Vozes da vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*”.

<sup>17</sup> Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões – “*Mulher: espírito e norma*”. Atas de São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2009.

Posteriormente, interessava-nos compreender a espiritualidade e a religiosidade em Portugal. A obra de Joaquim da Conceição<sup>18</sup> mostrou-se fundamental, uma vez que trata dos aspetos essenciais destes domínios no período pós-Tridentino e no qual são exploradas perspetivas sobre o culto das relíquias de Santos e os caminhos de santificação na cultura. Devo, ainda, fazer menção à distinta e célebre obra da autoria de José da Silva Dias<sup>19</sup>, cuja respetiva análise possibilitou a compreensão de diversas formas de sentir, viver e compreender as projeções espirituais da doutrina cristã.

As hagiografias são outra problemática que caracteriza a investigação. Neste contexto, distingue-se o estudo de Leonardo Rangel<sup>20</sup>, no qual se explora, nas obras de hagiografia portuguesas, a manifestação de virtudes associadas à santidade e se investigam as práticas ascéticas e as leituras devotas. Nesta linha de pensamento, também Maria de Lurdes Fernandes interveio, novamente, com estudos que alertam para a importância da história da espiritualidade no século XVII<sup>21</sup> e, com objetivo idêntico, outro estudo<sup>22</sup> da sua autoria, trata das hagiografias portuguesas e atenta para a inter-relação do social e do religioso no contexto das imagens de virtude e santidade. A complementar esta dimensão surge o artigo de Pedro Tavares<sup>23</sup>, que analisa os diversos caminhos para a santidade em Portugal. Quanto ao tema da santidade, é de evidenciar o trabalho de Paula Almeida Mendes, autora de três estudos essenciais na compreensão desta temática<sup>24</sup>.

Por último, julgamos, igualmente, necessário aprofundar as informações acerca da fonte primária a ser utilizada, confirmando-se, uma vez mais, a importância do trabalho

---

<sup>18</sup> CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da – “*Espiritualidade e religiosidade no Portugal Moderno*”. Porto: [Edição do Autor], 1996.

<sup>19</sup> DIAS, José da Silva – “*Correntes de Sentimento Religioso em Portugal: séculos XVI a XVIII*” (Tomos I e II). Coimbra: Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.

<sup>20</sup> RANGEL, Leonardo Coutinho de Carvalho – “*Esposas de Cristo: santidade e fingimento no Portugal seiscentista*”. Salvador: [Edição do Autor], 2018.

<sup>21</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Recordar os ‘Santos vivos’: leituras e práticas devotas em Portugal nas primeiras décadas do século XVII português”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 1994. Vol. 1, pp. 133-157.

<sup>22</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Entre a família e a religião: a vida de João Cardim: 1585-1615”. Separata in *Lusitânia sacra: revista do Centro de Estudos de História Religiosa*. 2ª série, tomo V (1993), pp.93-120.

<sup>23</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas – “Caminhos e invenções da santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII: Alguns dados, problemas e sugestões”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 1996. Vol.3, pp.163-216.

<sup>24</sup> MENDES, Paula Cristina Almeida – “*Paradigmas de papel: a escrita e a edição de ‘vidas’ de santos de ‘vidas’ devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*”. Porto: CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) 2017; MENDES, Paula Cristina Almeida – “‘Vidas’, ‘Histórias’, ‘Crónicas’, ‘Tratados’: sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séculos XVI -XVIII)” In *Lusitânia Sacra: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, 2013. Vol.28, pp. 173-214; MENDES, Paula Cristina Almeida – “Entre a aprendizagem da santidade e a predestinação divina: algumas notas sobre a infância e a adolescência em «Vidas» de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII)”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 2012. Vol. 19, pp. 123-143.

de Maria de Lurdes Fernandes, dado que esta é especializada no *Agiologio Lusitano*. Os seus estudos passam pela análise exaustiva da “Biblioteca” de Jorge Cardoso<sup>25</sup>, permitindo perceber quais eram as grandes correntes de espiritualidade da altura. A sua edição fac-similada<sup>26</sup> do Tomo I, do *Agiologio Lusitano*, explora o segundo autor, D. António Caetano de Sousa. Além de que através da fonte, a autora pretendeu dissertar sobre a história da santidade em Portugal<sup>27</sup>.

## 2. Fonte e autores

No que diz respeito à fonte, como foi já referido, utilizamos o *Agiologio Lusitano*. Este corresponde a um livro hagiográfico do século XVII e insere-se tipologicamente nas hagiografias, sendo que é a obra hagiográfica mais completa produzida em contexto nacional, amplamente estudado pela já mencionada Maria de Lurdes Fernandes.

Antes de apresentar a fonte, importa esclarecer que um dos propósitos das hagiografias se prendia com a mobilização dos fiéis, através do fornecimento de modelos de comportamento e códigos normativos. Assim sendo, ao proporcionar o conhecimento destas “vidas”, as hagiografias, que evidenciam um carácter *standarizado*, adquiriram uma importante e relevante ação didática, edificante, disciplinadora e, acima de tudo, pedagógica<sup>28</sup>. Aliás, segundo Paula Almeida Mendes, estas “vidas” de Santos e biografias devotas “constituem um observatório importantíssimo para (re)conhecer os critérios com que se julgava a santidade e os meios propostos para a conquistar”<sup>29</sup>.

Nesta sequência, é de destacar que o *Agiologio Lusitano* permite indagar sobre a visão da doutrina cristã e a própria mentalidade sobre a Mulher do Portugal Moderno. Assim, a sua escolha revelou-se elementar na medida em que ao apresentar uma ampla coletânea de vivências ascéticas e espirituais, de modelos de virtude e de santidade, forneceu paradigmas para admiração, culto e imitação e patenteou comportamentos

---

<sup>25</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “A biblioteca de Jorge Cardoso (1669), autor de *Agiologio Lusitano: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*”. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2000.

<sup>26</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Agiologio Lusitano: Estudo e Índices (Encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa)*”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2002.

<sup>27</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “História, santidade e Identidade. O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e o seu contexto”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 1996. Vol.3, pp. 25-68.

<sup>28</sup> MENDES, Paula Almeida – “‘Vidas’, ‘Histórias’, ‘Crónicas’, ‘Tratados’: sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séculos XVI -XVIII)”, p. 177.

<sup>29</sup> MENDES, Paula Cristina Almeida – “*Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos de «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*”, p. 66.

adaptáveis a diferentes necessidades e realidades sociais.<sup>30</sup> Assim, possibilita uma abordagem, num lastro temporal alargado, sobre os principais modelos comportamentais que a Igreja Católica procurava encontrar refletidos não só nas religiosas, como também nas leigas portuguesas. Além disso, viabiliza estreitar o tempo cronológico abrangido pela investigação, pois a obra em análise engloba os séculos XVII e XVIII, ainda que grande parte das vidas biografadas sejam anteriores a estes séculos.

Ademais, é de destacar que a obra se encontra dividida em quatro volumes, sendo que os três primeiros foram escritos pelo padre Jorge Cardoso e editados respetivamente nos anos de 1652, 1657 e 1666 e um quarto volume escrito por D. António Caetano de Sousa, publicado no ano de 1744. Note-se que o autor optou por dividir a compilação hagiográfica cronologicamente, pelos meses do ano<sup>31</sup>.

Paralelamente ao enunciado, percebe-se que a obra constitui um instrumento fundamental para o conhecimento da cultura religiosa e das próprias mentalidades em Portugal até aos séculos XVII e XVIII, uma vez que foi escrita com o intuito de, não só passar a mensagem católica aos seus fiéis, mas também suscitar o sentimento religioso de imitação por parte dos seus leitores, leigos e religiosos.

Por fim, para se compreender inteiramente uma fonte é premente conhecer o seu autor e as condições e circunstâncias em que foi escrita. Assim sendo, atendendo ao mencionado, o facto de ter dois autores pressupõe, obviamente, estilos e formas distintas de escrever.

Maria de Lurdes Fernandes afirma que Jorge Cardoso nasceu em 1609 e dedicou quase toda a vida à história eclesiástica e à hagiografia. O seu projeto foi planeado e construído durante mais de trinta anos<sup>32</sup>. Almejava, sobretudo, realizar um inventário de todos os portugueses ou indivíduos que viveram na pátria e que, de algum modo, se evidenciaram pelos seus comportamentos e heroicas virtudes em vida, e que, por essa razão, deveriam ser lembrados e não cair no esquecimento. É, ainda, de ressaltar que consciente de que, por diversas razões, não conseguiria concluir o projeto que se propôs

---

<sup>30</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Agiologio Lusitano: Estudo e Índices (Encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa)*”, p.26.

<sup>31</sup> Atendendo a esta forma de organização cronológica, o primeiro volume corresponde aos meses de janeiro e fevereiro, o segundo contempla os meses de março e abril, o terceiro o mês de maio e o mês de junho e, por fim, D. António Caetano de Sousa ocupou-se dos meses de julho e agosto.

<sup>32</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*A biblioteca de Jorge Cardoso (1669), autor de Agiologio Lusitano: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*”, [p.9].



desenvolver, afirmou que cederia gratuitamente todos os materiais e informações por si reunidas<sup>33</sup>, de modo a impulsionar futuros escritores a terminar o seu trabalho.

Em relação a D. António Caetano de Sousa, nasceu na década de 1670 e enveredou pelo estudo da história eclesiástica. Sousa conseguiu levar adiante o quarto volume preparado num curto espaço de tempo quando comparado com o de Jorge Cardoso<sup>34</sup>. Esta situação prefigurava, naturalmente, que desta diferença de tempos e de anos de trabalho resultasse uma obra diferente, desde logo, visível na própria forma de escrever e nas denominações e termos utilizados. Todavia, tal como destaca Maria de Lurdes Fernandes, uma das principais diferenças detetadas prende-se com o facto de Jorge Cardoso ter privilegiado, acima de tudo, a dimensão quantitativa da sua obra, isto é, procurou divulgar o maior número possível de exemplos e modelos portugueses, ao passo que D. António pretendeu, antes de mais, dar importância à qualidade da informação recolhida e à própria lição de cada biografado – daí que se verifique uma maior dimensão das narrativas hagiográficas e dos respetivos comentários<sup>35</sup>.

### 3. Análise dos Dados

Apraz esclarecer que a partir da análise do *Agiológio Lusitano* é possível desenvolver uma contextualização fundamentada sobre a Mulher e a Espiritualidade no Portugal Moderno e, através da recolha das principais características das biografadas do estudo, traçar o seu perfil de modo a responder, desde logo, à questão de quem eram estas pessoas ilustres e os modelos femininos que viviam em conformidade com a tradição cristã.

Neste sentido, acreditamos ser necessário explicar que dentro do enorme número de indivíduos, evocados para realçar as virtudes excecionais na fonte, aproximadamente 29% (733) são mulheres, pelo que apenas foram selecionadas para contemplar o universo em estudo aquelas em que o ano de morte é conhecido e coincidiu com os séculos XV, XVI, XVII e XVIII, perfazendo uma amostra de 559 biografias (o que equivale a cerca de 22% do total de biografados do *Agiológio*).

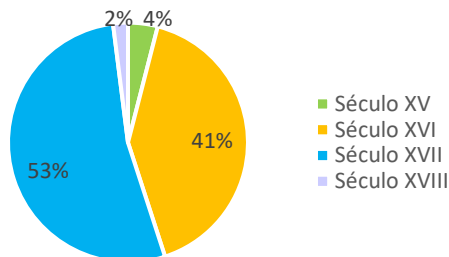
---

<sup>33</sup> Esta informação é fornecida pelo próprio Jorge Cardoso no tomo III do *Agiológio Lusitano*.

<sup>34</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Agiológio Lusitano: Estudo e Índices. (Encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa)*”, p. 34.

<sup>35</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Agiológio Lusitano: Estudo e Índices (Encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa)*”, p. 35.

**Gráfico 1: Distribuição cronológica das Biografadas**



**Fonte:** CARDOSO, Jorge – “*Agiologismo Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiologismo Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV.

Nesta sequência, como é indicado no gráfico 1, o século XVII é aquele que ostenta uma maior representatividade de biografadas (53%), situação justificada, desde logo, pelo propósito enunciado pelo autor de mostrar à população os mais ilustres e veneráveis portugueses seus contemporâneos. Por esta razão, se compreende que, também o século XVI incluía 41% das mulheres estudadas e, numa posição oposta, se encontrem, o mais longínquo século XV que apenas apresenta 21 registos e o século XVIII com somente 2% do total da amostra – dado que o último volume foi produzido apenas na primeira metade de setecentos, e não contemple ainda um levantamento exaustivo de todo esse período.

### 3.1 O Perfil das biografadas

Deste modo, antes de iniciar o esquadramento da fonte, carece de salientar que nas “Advertencias necessárias ao Agiologismo Lusitano”<sup>36</sup>, Jorge Cardoso divide os seus biografados em cinco classes religiosas: os santos canonizados, os beatificados, os ilustres em virtude e acreditados no Céu com maravilhas, os de vida exemplar e dignos de imitação e, por fim, os mártires. Da nossa análise vale ressaltar que a grande maioria dos casos pertence aos terceiro e quarto grupos, uma vez que não eram reconhecidas oficialmente como santas nem beatas, contudo, eram alvo de veneração e imitação, quer pelas suas companheiras, no caso das religiosas, quer pelas gentes da localidade em que se encontravam e, mesmo, do país.

#### 3.1.1. Abordagem Social

Atendendo à natureza e propósito desta investigação histórica, revela-se pertinente averiguar, tal como foi dito, as tipologias e modelos encontrados e

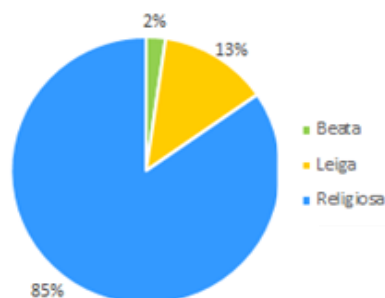
<sup>36</sup> CARDOSO, Jorge – “*Agiologismo Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652, p. 52.

compreender se os paradigmas mais incentivados diziam respeito a mulheres religiosas ou leigas, pertencentes às diversas ordens sociais.

A partir da análise efetuada pretende-se descrever as principais características sociais encontradas, sendo, desde logo, possível destacar a presença de 193 mulheres vindas da nobreza, um estado tão eclético na altura, o que demonstra uma representatividade de, aproximadamente, 34,5% das mulheres – indicador de uma forte expressão de nobres nas hagiografias portuguesas do Antigo Regime. Esta situação não é surpreendente uma vez que, como comprova a fonte, as mulheres nobres ocupavam os cargos mais prestigiados dentro das instituições religiosas e, por essa razão, encontravam-se mais suscetíveis de serem notadas e distinguidas entre as restantes. Neste sentido, verificamos que entre as 245 referências a ofícios maior prestígio<sup>37</sup>, 98 correspondem a indivíduos do género feminino provenientes da nobreza. Devemos, ainda, referir a menção, no primeiro tomo da obra, a uma pastora, a saber, Maria da Cortiçada – residente na localidade de igual nome, em Castelo Branco – que representa a classe social mais baixa. Relativamente às restantes biografadas não foi possível inferir o seu estrato social visto que nenhum dos autores faz referência direta à origem social das mulheres.

Posto isto, de modo a organizar a informação recolhida, optámos por inserir os dados numa grelha Excel com os campos que pensamos serem os mais pertinentes para o estudo, pelo que circunscrevemos o estatuto religioso a três categorias: *Beata*, *Leiga* e *Religiosa*. Esta distinção permite conhecer qual o modelo comportamental preferido na espiritualidade da época Moderna, dado que aquele que apresenta uma maior representatividade é o padrão que, à altura, acreditavam aproximar mais a mulher moderna da santidade. À medida que formos expondo os resultados obtidos, procederemos a uma contextualização e explicação conceitual dos três termos utilizados.

Gráfico 2: O Estatuto Religiosa das Biografadas



Fonte: CARDOSO, Jorge – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV.

<sup>37</sup> Quando mencionamos “Ofícios de maior prestígio” referimo-nos a cargos que, de alguma forma, são considerados mais distintos e ilustres, nomeadamente os cargos de abadessa, priorisa, mestra ou madre.

O gráfico 2 demonstra, desde logo, a preponderância do modelo de religiosa, visto que cerca de 85% dos casos averiguados dizem respeito a mulheres que viviam sob uma regra monástica, ou seja, como esclarece Isabel Morujão, mulheres que privilegiavam uma vida retirada do mundo, em clausura e recolhimento no interior dos mosteiros<sup>38</sup>. Esta constatação explica-se pelo facto de, como foi mencionado anteriormente, a fonte ser escrita no século XVII e primar por oferecer exemplos contemporâneos à sua produção, sendo que neste século se "abriu as portas à valorização da vida feminina intraclaustral"<sup>39</sup>, na medida em que a Contrarreforma "veio acentuar, em termos espirituais, a religião como opção de vida (...) justificando o estado monacal e a renúncia voluntária ao século"<sup>40</sup>. Deste modo, torna-se fácil perceber que a Igreja Católica valorizava a vida conventual – acima de todos os outros estados –, sinónimo de uma vida virtuosa, assente no enaltecimento de determinados pressupostos espirituais, como a oração mental e o silêncio.

A segunda categoria mais representada é a aceção *Leiga*, com cerca de 73 mulheres (13%). Falar de laicado na época Moderna é uma empresa complexa uma vez que exige ter em atenção a profunda dependência do padrão de vida espiritual dos leigos em relação ao modelo monástico, o que não impediu práticas espirituais e atitudes devocionais particulares desta categoria<sup>41</sup>. Contudo, de forma generalizada, a mulher leiga define-se como alguém que não professou nem pertence a nenhuma ordem religiosa ou convento, isto é, vive no século, considerado pela Igreja como um estado de vida mais perigoso e sujeito ao pecado<sup>42</sup>. Ainda neste parâmetro, é de salientar que as mulheres seculares se encontravam intrinsecamente ligadas ao âmbito familiar, matrimonial e maternal, pelo que se verifica uma enorme panóplia de textos educativos direcionados à mãe-exemplar e à "boa esposa" que demonstram, desde já, a mentalidade e espiritualidade na época Moderna<sup>43</sup> – que não serão aqui aprofundadas.

---

<sup>38</sup> Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões – “*Mulher: espírito e norma*”, p. 51.

<sup>39</sup> Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões – “*Mulher: espírito e norma*”, p. 52.

<sup>40</sup> CONDE, Antónia Fialho – “Expressões de religiosidade e misticismo no jardim fresco de S. Bento de Cástris” In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Marques, Tiago Pires (cord.) – *Vozes da vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia. Centro de Estudos de História Religiosa, 2015, p.92.

<sup>41</sup> Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões – “*Mulher: espírito e norma*”, p. 88.

<sup>42</sup> SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini – “*Direito e Género: Rui Gonçalves e o Estatuto jurídico das mulheres em Portugal no séc. XVI (1521-1603)*”, p. 32.

<sup>43</sup> Para um aprofundamento destas temáticas consultar: SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini – “*Direito e Género: Rui Gonçalves e o Estatuto jurídico das mulheres em Portugal no séc. XVI (1521-1603)*”; LOPES, Maria Antónia - “Estereótipos de "a mulher" em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”, pp. 27-44; FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Espelhos, Cartas e Guias: Casamento e*

Por último, em menor número surgem as *Beatas* que embora não correspondam a uma categoria religiosa, atendendo às suas características, julgamos pertinente individualizá-las, sendo que representam apenas 2% do universo de estudo. Neste sentido, definir o conceito é uma tarefa difícil, uma vez que a atual inteligibilidade de beata (exige um processo de beatificação ou canonização) difere do significado adquirido na época Moderna. Segundo Frei Manoel da Esperança<sup>44</sup>, “Chamamos beatas (...) às mulheres seculares que sendo mais reformadas na vida e no seu hábito parecem religiosas”<sup>45</sup>.

Assim sendo, é necessário distinguir os dois tipos de beata no *Agiológio*. Se atendermos ao conceito atual, observaram-se três mulheres cujo processo de beatificação foi iniciado na Igreja Católica, sendo que se verificaram dois desfechos possíveis: o pedido foi validado e a pessoa elevada ao título de beata, como acontece com a ‘Santa Princesa’ Joana, denominação atribuída a D. Joana de Portugal, filha do rei D. Afonso V, que pelas suas virtudes e excelência espiritual era considerada Santa pelo povo português e pelos bispos da época. Neste seguimento, no tomo IV do *Agiológio Lusitano*, D. António Caetano de Sousa refere que a Igreja Católica a declarou beata; ou, então, o processo não avançava e nesta situação, apresenta-se Maria das Chagas, nobre portuguesa que ao longo da sua extensa vida demonstrou um comportamento exímio e em concordância com a doutrina cristã - além de se evidenciarem algumas manifestações extraordinárias, nomeadamente, raptos e visões que contribuía para consolidar o seu processo de beatificação – e, por essa razão, o duque D. Teodósio II, em conjunto com os prelados de Évora, iniciou o processo para a sua beatificação que nunca foi aceite. Um outro caso é o de Margarida de Chaves, cujo processo com vista à sua beatificação foi um dos mais sustentados nos séculos XVI e XVII, ainda que não tenha conhecido o desfecho esperado.

Por outro lado, os demais casos mencionados não dispõem de qualquer oficialização da Igreja. Todavia, eram mulheres reconhecidas como tal na comunidade em que se inseriam, quer pelas suas virtudes, quer pelos padrões comportamentais, e por isso se invocava a sua veneração e imitação. A título de exemplo, observamos Ângela da Paixão que na morte foi aclamada santa pela população. Ademais, também encontramos as denominadas beatas conventualizadas que são todas as mulheres que integravam os

---

*Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*”; CAEIRO, Maria Margarida – “A Mulher na Família nos séculos XVI e XVII”, pp. 192-202.

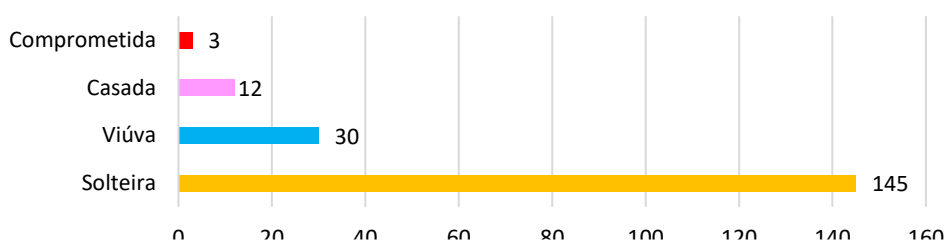
<sup>44</sup> Frei Manoel da Esperança era um religioso franciscano e cronista que viveu no século XVII.

<sup>45</sup> Frei Manuel da Esperança, na obra *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores da Província de Portugal*, citado por Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões – “*Mulher: espírito e norma*”, p. 88.

designados Beatérios ou Recolhimento de beatas – “situação híbrida, de compromisso com o século e a religião”<sup>46</sup>– de que é exemplo Maria da Conceição – primeira regente do Recolhimento de Beatas do Espírito Santo de Vidigueira. Neste seguimento, importa esclarecer que estes recolhimentos eram, “concomitantemente com a emergência de outras formas não regulares de vivência religiosa feminina, de cariz sobretudo comunitário”<sup>47</sup>, pelo que posteriormente muitos deram origem a conventos. É o caso, por exemplo, do Mosteiro de S. Bento de Cástris<sup>48</sup>. Relativamente às beatas individuais, eram todas as mulheres que por iniciativa própria se organizavam e associavam nas suas casas ou na rua, de modo a aproximarem-se das práticas espirituais mais recompensadoras do ponto de vista ascético, como a oração mental<sup>49</sup>. Disso são exemplo Isabel de Jesus e Maria do Lado, que fundaram em suas casas uma espécie de recolhimento, com outras mulheres exemplares.

As mulheres, como afirma Giovanna Santos, eram igualmente classificadas pela Igreja, segundo a sua conduta civil e sexual: as virgens que renunciavam voluntária e conscientemente à sexualidade (*Solteiras* e *Comprometidas*), as *Viúvas* que renunciavam à sexualidade após a morte (comprovada ou inferida) do cônjuge e as mulheres *Casadas* que deviam limitar a um uso “parcimonioso do seu sexo no interior e em função da família”<sup>50</sup>. Nesta perspetiva, o estado virginal era associado à condição mais pura e genuína de castidade, o estado matrimonial o mais perigoso e o estado de viuvez intermédio, uma vez que se encontrava ‘contaminado’ pelo passado, mas elevado pela pureza prevista no futuro.

Gráfico 3: Estado Civil das Biografadas



Fonte: CARDOSO, Jorge – “*Agiologismo Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiologismo Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV.

<sup>46</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas – “Caminhos e invenções da santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII: Alguns, dados, problemas e sugestões”, p. 164.

<sup>47</sup> FONTES, João Luís – “Em torno de uma experiência religiosa feminina: as mulheres da pobre vida de Évora”. In *Lusitania Sacra: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, 2015. n. °31, p. 55

<sup>48</sup> Para aprofundar o conhecimento sobre recolhimentos que deram origem a conventos, consultar: FONTES, João Luís – “Em torno de uma experiência religiosa feminina: as mulheres da pobre vida de Évora”, pp. 51-71.

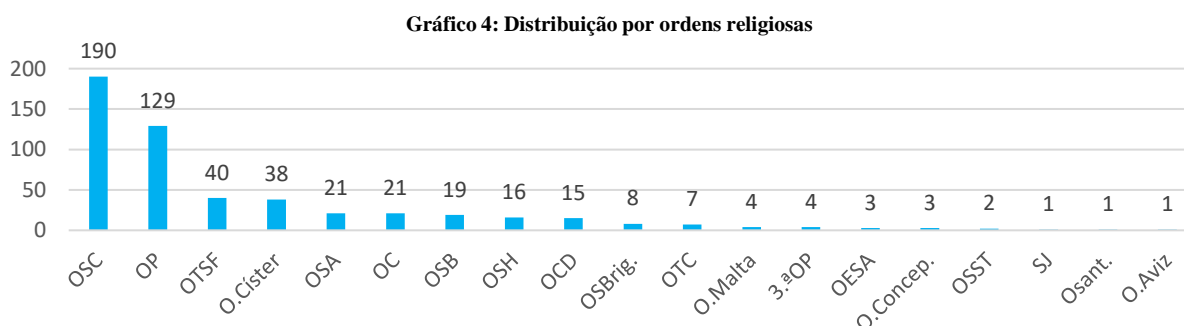
<sup>49</sup> Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões – “*Mulher: espírito e norma*”, p. 100.

<sup>50</sup> SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini – “*Direito e Gênero: Rui Gonçalves e o Estatuto jurídico das mulheres em Portugal no séc. XVI (1521-1603)*”, p. 153.

O gráfico apresentado permite corroborar a ideia, acima expressa, na medida em que, à exceção dos 369 registos (66%) nos quais não foi possível deduzir estas categorias, o estado de solteira é aquele mais representado, o que conjectura ser o mais desejável na ótica da Igreja, uma vez que, à semelhança da mulher comprometida, a solteira ainda não foi corrompida e encontra-se na mais pura condição de castidade e, por isso, mais próxima da santidade. De seguida, como era expectável, surgem as viúvas, com 30 registos. O limbo em que o estado de viuvez coloca as mulheres é importante para a compreensão da preferência destas sobre as casadas, já que o panorama comportamental de renúncia à vida pecaminosa e, muitas vezes, até mesmo da vida no século, é essencial para um futuro rigorosamente orientado pelas virtudes cristãs. Partindo deste pressuposto, na condição de casada que, no nosso estudo, se manifesta em apenas 12 mulheres, é mais complicado limitar e restringir as atitudes e comportamentos face à fé católica, até porque a mulher tem obrigações no âmbito familiar, nomeadamente no que diz respeito à procriação. Porém, são inúmeros os religiosos que procuraram estabelecer um conjunto de medidas e circunstâncias para orientar a mulher casada, com os denominados *tratados*.

### 3.1.2 Abordagem espiritual e devocional

Na abordagem espiritual, procura-se interpretar, à luz dos exemplos do *Agiologio*, quais as afiliações espirituais mais representadas e as instituições que maior número de biografadas ‘produziram’. Além disso, constatar quais as devoções mais referenciadas e que deveriam ser alvo de adoração pelas restantes portuguesas – visto que as hagiografias apresentavam modelos e mimetismos que marcavam a espiritualidade dos fiéis.



**Fonte:** CARDOSO, Jorge – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV.

análise do gráfico 4, rapidamente verificamos que a mais referenciada, ao longo de toda

a fonte, é a Ordem de S. Clara<sup>51</sup>, da família franciscana – cujas freiras eram usualmente conhecidas por Clarissas. Note-se, no entanto, que não é plausível estabelecer uma relação entre a sua predominância e determinadas características específicas que contribuíram para práticas exemplares. De seguida, surgem as cistercienses, beneditinas e jerónimas. Neste sentido, podemos também ressaltar a Ordem dos Pregadores ou a Ordem de S. Domingos, do ramo dominicano, – contabilizando 25% de todos os registos – a Ordem de S. Agostinho e a Ordem dos Carmelitas. Por fim, observamos a presença de ordens religiosas militares, em particular, a Ordem de Malta, a Ordem de Santiago e a Ordem de Aviz<sup>52</sup> – ainda que com muita pouca representatividade. Esta distribuição de biografadas pelas Ordens religiosas descortina, ainda que, superficialmente, a religiosidade da época Moderna em Portugal, caracterizada por uma forte presença de clarissas, dominicanas, cistercienses e franciscanas.

Após esta contextualização geral, importa elencar as principais instituições religiosas que produziram maior número de mulheres “ilustres veneráveis”, pelo que, desde logo, podemos destacar o Convento de Jesus de Aveiro, com 18 retratadas, seguido do Convento da Madre de Deus de Lisboa, com 15 mulheres referenciadas e o Convento de Salvador de Lisboa, com 13 menções. Vale, ainda, referir os Conventos de S. Dinis de Odivelas e da Nossa Senhora da Quietação com 11 referências, o Convento de S. Clara de Vila do Conde, de S. Alberto de Lisboa, que detém, respetivamente, 10 e 9 biografadas e o Convento de S. Catarina de Sena, do Salvador de Évora e de Nossa Senhora da Saudação que apresentam 8 mulheres. Em relação aos restantes, as menções não são muito representativas, apresentando 7 ou menos indivíduos.

Depois da análise quantitativa realizada, importa atentar sumariamente nas mais relevantes devoções que conseguimos identificar. No entanto, é necessário alertar para o diminuto número de devoções mencionadas – cerca de 92 registos – pelo que, desde já, esclarecemos que as tendências testemunhadas não podem ser estendidas no contexto nacional. Assim sendo, colocamos a hipótese de que, apesar de o *Agiológico* não procurar instituir o culto de determinados santos e venerações, a verdade é que indiretamente

---

<sup>51</sup> Na nossa análise, ainda que reconhecendo a existência de distinções internas, entre as clarissas da 1ª Regra, mais exigentes, as urbanistas, de uma reforma tardia da Ordem e as clarissas da Regra comum, não serão aqui tidas em consideração. O mesmo acontecia com as carmelitas.

<sup>52</sup> A presença de mulheres associadas a ordens religiosas que eram, por sua vez, somente masculinas, explica-se, por um lado, pelo facto de as biografadas não terem professado na ordem, mas trabalharem nela, isto é, podiam exercer outro tipo de atividades no mosteiro. Por outro lado, podiam pertencer a mosteiros femininos que se associavam a ordens religioso-militares como é o caso do mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação das Comendadeiras de Aviz.



influenciariam a mulher portuguesa, que procuraria, de algum modo, implementar no seu quotidiano as mesmas devoções. Posto isto, a devoção da Paixão de Cristo e as diversas variantes da veneração da Virgem Santíssima são as que mais se evidenciam no campo da espiritualidade retratada no universo feminino do *Agiológio Lusitano*, já que assumiram uma importância decisiva, orientando e reorientando devoções. Podemos, ainda, destacar o Sacramento do Altar e as Almas do Purgatório: as representações do Purgatório e das almas surgem, normalmente, como expressões de apelo à misericórdia divina, podendo ter, muitas vezes, também gestos de humildade e oração<sup>53</sup> – evidenciando já um dos comportamentos incutidos nas mulheres portuguesas. Muitas vezes, representa-se, igualmente, Cristo Crucificado, a Virgem, a Santíssima Trindade, Santo António ou São Francisco – devoções que estão também presentes no *Agiológio*<sup>54</sup>.

### 3.1.3. Abordagem de idades à morte e distribuição geográfica

A última componente de estudo associada ao perfil da Mulher do *Agiológio* é a abordagem das idades à morte das mulheres em estudo, e da sua distribuição geográfica. Neste sentido, atenta-se na idade no momento da *Morte*, uma vez que como clarifica Mendes a “narração da morte dos santos, beatos, veneráveis e varões e mulheres «ilustres em virtude» constitui o ponto crucial da sua «santa vida»”<sup>55</sup> e, portanto, é essencial compreender o valor simbólico das doenças e tipos de morte que aproximam a pessoa do caminho para a santidade.

O episódio da morte é crucial na narrativa hagiográfica, uma vez que assinala o final da vida terrena do biografado e, desse modo, da narrativa do autor. A partir deste pressuposto, o relato da morte enquadra-se nos instrumentos edificantes e exemplares presentes nas obras, exibindo um padrão de imitação, com atitudes e comportamentos que disponibilizam o paradigma ideal de *Boa Morte* e incitavam nos leitores o desejo e esperança de alcançar um fim idêntico e a própria salvação se imitassem as biografadas.<sup>56</sup> Deste modo, a partir dos séculos XV e XVI começou-se a difundir a ideia de que a

---

<sup>53</sup> RANGEL, Leonardo Coutinho de Carvalho – “*Esposas de Cristo: santidade e fingimento no Portugal seiscentista*”, p.175.

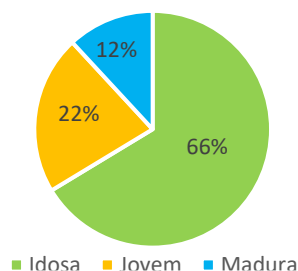
<sup>54</sup> Dado a natureza do presente artigo não nos é possível especificar as devoções a santos ou santas, informações que seriam muito importantes e reveladoras à luz do espírito de Trento: a centralização das devoções em Cristo e na Virgem Maria e o reforço do culto dos santos.

<sup>55</sup> MENDES, Paula Cristina Almeida – “*Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos de «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*”, p.357.

<sup>56</sup> MENDES, Paula Cristina Almeida – “*Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos de «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*”, p. 357.

salvação ou condenação de cada pessoa se determinava no leito da morte<sup>57</sup> e é este diálogo entre a morte física e o julgamento da alma que importa termos em consideração.

Gráfico 5: Fase da vida à morte



Fonte: CARDOSO, Jorge – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV.

Antes de mais é necessário percebemos o tempo de vida das biografadas, isto é, se viviam muito ou pouco e se isso tinha influência nos seus comportamentos e atitudes. Neste sentido, devemos alertar que, para calcular os dados presentes no gráfico 5, estabelecemos intervalos de tempo que correspondem às categorias de *Jovem* (1-30 anos de idade), *Madura* (31-59 anos de idade) e *Idosa* (60-122 anos de idade). Desta forma, à semelhança da informação obtida para as principais devoções encontradas, também, neste caso, se excetuam 319 registos, das quais não foi possível inferir a idade à morte. Porém, num universo de 240 mulheres, 66% faleceram com idade superior a 60 anos de idade, 22% correspondiam, ainda, a jovens e apenas 12% com idade madura.

No nosso entender, esta situação evidencia a hipótese de que a idade não era fator decisivo na ascensão à santidade e veneração, visto que, como seria de esperar, à medida que uma pessoa envelhece é-lhe conferida socialmente maior autoridade e respeito e, portanto, verificamos um grande número de idosas na amostra em estudo. Contudo, também temos indicação de jovens que faleceram cedo, das quais se destaca Brites de S. Agostinho, clarissa do Convento de S. Clara de Vila do Conde, que morreu com apenas 15 anos de idade.

Adiante, atendendo à visão da Morte refletida no *Agiologio Lusitano*, note-se a existência de religiosos que valorizavam e apreciavam a meditação sobre a morte. Por exemplo, verificam-se diversos casos em que é passível o entendimento da contemplação da morte, ou seja, averigua-se a presença de símbolos e elementos associados à morte, nomeadamente caveiras. Exemplo disso é a soror Isabel da Cunha, religiosa do Convento de S. Mónica de Évora, a qual “tinha na cabeceira hũa caveira, em cujos olhos mettia os

<sup>57</sup>MENDES, Paula Cristina Almeida – “*Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos de «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*”, p. 358.

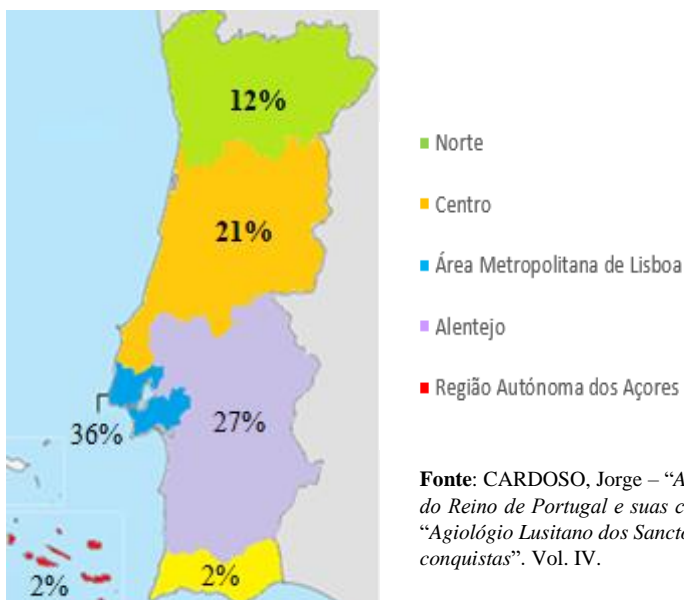
dedos, quando meditava na morte”<sup>58</sup>. Além disso, foi possível identificar em inúmeros casos, a previsão da morte, normalmente associada a práticas ascéticas e milagrosas e que, por si só, aproximavam a mulher do *pathos* para a santidade.

Relativamente aos tipos de morte, assistimos a 6 mártires, ou seja, mulheres que foram assassinadas em nome da fé católica e da preservação dos seus valores, sendo que vale ressaltar que, à exceção de Maria da Cortiçada – assassinada por um mancebo por preservar a sua pureza e castidade – todas as outras foram feitas mártires fora do território português, particularmente no Japão e em Jerusalém. Encontramos, igualmente, 23 biografadas que tiveram uma morte natural, isto é, faleceram pela avançada idade que detinham. Todavia a doença é, sem dúvida, a causa de morte mais comum, com cerca de 190 registos. As doenças mais referenciadas são as febres, mas também os tumores e cancro. Neste sentido todas as doenças causadoras de uma lenta agonia que preparava o indivíduo para uma *Santa morte*<sup>59</sup> eram mais desejadas pelas próprias biografadas que muitas vezes se alegravam com a chegada da morte – perceptível através dos relatos em que ansiavam o derradeiro momento.

Outro indicador que vale ressaltar é a *Residência* das biografadas, já que é plausível saber quais as localidades que albergaram maior número de mulheres, quer a nível nacional quer internacional. Para simplificar a apresentação de resultados, optamos

por distribuir as localidades portuguesas do *Agiologio Lusitano* pela atual Divisão Administrativa NUTS II.

Gráfico 6: Distribuição por região de Residência



Fonte: CARDOSO, Jorge – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV.

<sup>58</sup> CARDOSO, Jorge – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. III. Lisboa: Officina de Craesbeeck de Mello, 1666, p. 652.

<sup>59</sup> MENDES, Paula Cristina Almeida – “*Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos de «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*”, p.361.

Da análise do gráfico 6, vemos que a região de Lisboa é a mais referenciada na fonte, ao apresentar 36% das menções a localidades, o equivalente a 194 referências. Esta situação pode ser explicada por dois pressupostos: pela grande concentração de instituições e congregações religiosas na capital portuguesa e nas localidades circundantes e pelo facto de ambos os autores da fonte residirem em Lisboa, o que presume um maior contacto e conhecimento da realidade desta região. O Alentejo apresenta-se como o segundo mais representado com 27% do total de indicações, seguido do Centro, Norte, Algarve e Açores – o que evidencia a própria distribuição eclesiástica no território português, uma vez que o maior número de conventos se instalou no sul do país, em particular, junto à capital.

De acordo com a informação recolhida a partir da análise intensiva da fonte, foi possível verificar a presença de mulheres portuguesas no exterior (Anexo 1). Utilizando a divisão atual dos países que integram os locais mencionados no *Agiológio*, aquele que teve maior número de portuguesas foi a Espanha, seguido do Japão, Itália, Índia e China, Israel, Síria e Polónia. Esta distribuição é explicada pelo facto de, no século XVI e XVII, Portugal possuir territórios ultramarinos e, consequentemente, missionários que convertiam a população local, como o caso de Isabel, Madalena e Marta, que foram convertidas e morreram a defender os ideais cristãos.

### **3.2. Manifestações e práticas extraordinárias. Alguns casos.**

Neste ponto da investigação, aquilo que pretendemos é, através de alguns casos específicos, compreender quais as manifestações e práticas extraordinárias, popularmente designadas por milagres, que são retratadas nas biografias do *Agiológio Lusitano*. Desta forma será possível compreender as correntes de misticismo que caracterizavam a espiritualidade e a literatura hagiográfica portuguesa.

Tendo em consideração o enquadramento social e religioso, na transição para a Idade Moderna, a perfeição pela Mística tornou-se um elemento relevante, quantitativa e qualitativamente e, por essa razão, à exceção de 201 mulheres (36% do total de biografadas) do nosso universo que não apresentam qualquer milagre descrito, foi possível descrever as respetivas práticas extraordinárias para as restantes. Nesta sequência, apresentaremos alguns modelos-exemplo que consideramos importante ressaltar na nossa investigação.

Neste sentido, verificamos a existência de manifestações extraordinárias e milagres em vida, como visões e raptos, revelações ou, então, a realização de milagres no pós-morte, como a existência de cheiros e fragâncias celestiais, tanto na morte como na abertura da sepultura ou, por sua vez, a aparição às companheiras e a cura de enfermos.

No que concerne às primeiras manifestações extraordinárias referenciadas, note-se que podemos, a título exemplificativo, evidenciar dois casos: Verónica Delgada, relativamente à ocorrência frequente de raptos – estado de quem se encontra maravilhado, encantado ou arrebatado, num estado de contemplação divina – sendo que, muitas vezes, durante a oração no coro, “foi vista junto de si uma claridade”<sup>60</sup> e elevada do chão. Neste raciocínio, o outro caso a referir, prende-se com a Madre Beatriz de S. Francisco, nobre portuguesa, dama de D. Isabel – filha do rei D. Manuel I – que após o falecimento do marido, prometeu seguir a vida religiosa e fundar um mosteiro. Nos anos que lhe restaram, afirmou ter tido várias visões, em sonhos, que consistiam numa procissão de clarissas.

A multiplicação de alimento constituiu uma outra prática extraordinária mencionada nas biografias do *Agiolégio Lusitano*. Neste sentido, podemos destacar Benta de Aguiar que durante um ano estéril, caracterizado pela falta de trigo no mosteiro, fez sobre a tulha o sinal da cruz e o multiplicou em grande abundância. Numa situação semelhante encontra-se Teodósia de Querubins, que no mosteiro de S. Clara do Porto criou um celeiro a seu encargo sem ter mais do que seis alqueires de milho, contudo nunca faltou cereal, pelo contrário este cresceu contínua e constantemente.

Atendendo às Revelações, existe registo de 31 biografadas que tiveram revelações das suas próprias mortes ou da morte das companheiras, mas também a revelação de acontecimentos históricos daquele período, como por exemplo, a morte de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir.

Na mesma linha de continuidade e intrinsecamente associadas com as práticas anteriormente mencionadas, surgem as Aparições, as quais é possível dividir em três categorias: aparições santas, aparições demoníacas e aparições às companheiras. No que concerne ao primeiro parâmetro, verificam-se diversos exemplos, todavia, é necessário notar que a grande maioria das aparições santas mencionadas se relacionavam com o momento da morte das biografadas, no qual eram acompanhadas pelos seus santos prediletos e alvo de maior adoração, como a Virgem. Além disso, habitualmente correspondiam também aos santos padroeiros das ordens religiosas a que pertenciam –

---

<sup>60</sup> CARDOSO, Jorge – “*Agiolégio Lusitano dos Sanctos e Varones illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. II. Lisboa: Officina Henrique Valente D’ Oliveira, 1657, p. 51.

quer na condição de religiosas, mantelatas ou freiras conversas – como, por exemplo, a agostinha Beatriz Vaz de Oliveira, à qual frequentemente apareceu S. Agostinho e S. Tomás. Por outro lado, foi possível identificar a presença de aparições demoníacas, isto é, a aparição do demónio e de figuras medonhas, horríveis e assustadoras – expressões utilizadas pelos autores para descrever estes acontecimentos – e que tinham o intuito de amedrontar, violentar e incomodar a biografada. Seguindo este ponto de vista, podemos apontar Beatriz Soeira: certa noite “apareceu-lhe um demónio, em horrenta e monstruosa figura que a acusou de todos os pecados cometidos até aí, mas surgiu uma mulher vestida de cândidas roupas que expulsou o demónio e a salvou”<sup>61</sup>. Aliás, devemos referir que optamos por destacar este caso uma vez que a violência sofrida foi de tal ordem que o autor menciona que Beatriz pensou em ser “homicida de si própria”.

Nesta sequência, é necessário mencionar as práticas de cura de algumas das mulheres do *Agiológio Lusitano*. A grande maioria destes milagres ocorriam já após a morte da biografada, sendo que os autores referenciam casos em que as suas alaias curaram enfermos e intercederam junto de Deus. Nesta situação, encontrava-se Maria Baptista, que em vida foi venerada pelas religiosas do convento do Salvador de Évora, e, por essa razão, aquando da sua morte muitas das suas companheiras procuraram ficar com alguns dos seus pertences, sendo que afirmaram ter curado alguns doentes na enfermaria.

Por fim, tendo em atenção os milagres realizados no pós-morte, destaca-se a referência a fragâncias celestiais e agradáveis que exalavam das falecidas, assim como das suas sepulturas, como por exemplo, o caso de Ana de S. João, que segundo os relatos encontrados por Jorge Cardoso, na noite da sua morte, luzes e esplendores celestiais desceram sobre a cela, onde repousava o seu defunto corpo e aquando da sua sepultura, o claustro do convento encheu-se de celestial cheiro, pássaros e música. Aliás, anos após a sua morte brotou no seu coração uma roseira, impossível de secar.

No fundo, foram vários os casos singulares de milagres, práticas extraordinárias e manifestações ascéticas que compõem o *Agiológio Lusitano*, no entanto, necessitavam de uma atenção mais profunda do que aquela que foi possível realizar.

### **3.3 Critérios de Exemplaridade e padrões comportamentais**

#### **3.3.1. Tipologias**

---

<sup>61</sup> CARDOSO, Jorge – “*Agiológio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. III. Lisboa: Officina de Craesbeeck de Mello, 1666, p. 565.

Neste ponto, procura-se responder a uma das questões centrais da investigação e que consiste no contacto com os critérios de exemplaridade defendidos e visíveis nas mulheres seleccionadas no *Agiológio Lusitano*. Neste sentido, como temos vindo a aludir, a condição da mulher europeia na época moderna decorria dos modelos argumentados e defendidos nos livros de autoridade religiosa, nomeadamente, na Bíblia. No fundo, como esclarece a bibliografia, as várias conceções construídas pela Igreja Católica diziam respeito ao feminino e à sua relação com o corpo humano e o pecado<sup>62</sup> – daí que se assista a uma classificação da mulher segundo a sua conduta sexual, como foi já mencionado. Ainda nesta linha de pensamento e atendendo a uma perspetiva religiosa, é necessário ressaltar que as mulheres eram alvo de uma forte restrição, pois a “fraqueza do sexo” que as caracterizava era responsável pela sua passividade, luxúria ou vida pecaminosa, o que contribuía para assegurar a sua inferioridade.

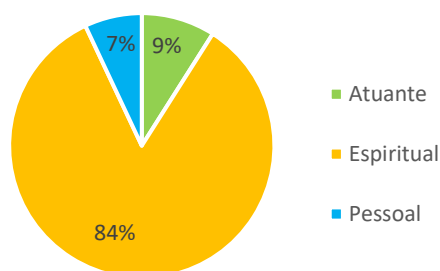
Posto isto, a partir da análise intensiva da fonte identificamos um amplo leque de critérios e normas presentes que serviam como instrumentos edificantes do comportamento feminino tendo, sempre em atenção todas as condicionantes que traçavam o perfil das mulheres retratadas no *Agiológio* como a ordem social, o estatuto religioso ou o estado civil.

Para conseguirmos desenvolver uma exploração encadeada e clara foi útil estabelecer as tipologias dos diversos critérios encontrados, como forma de os organizar consoante o tipo de ação que evidenciavam. Deste modo, estabelecemos três tipos de classificação distintos: *Atuante*, *Espiritual* e *Pessoal*. Os critérios *Atuantes* dizem respeito a todos os comportamentos que demonstram uma ação ao nível social, isto é, comportamentos direcionados para o Outro. Por sua vez, as normas *Espirituais* representam todas as atitudes que evidenciam a relação com Deus, ou seja, condutas, muitas vezes presentes na Sagrada Escritura, que refletiam os preceitos intimamente católicos. Por fim, os critérios *Pessoais*, são aqueles que concernem à intimidade e individualidade da pessoa, por outras palavras, são os comportamentos que têm que ver com o carácter e condição de cada uma das biografadas.

---

<sup>62</sup> SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini – “*Direito e Gênero: Rui Gonçalves e o Estatuto jurídico das mulheres em Portugal no séc. XVI (1521-1603)*”, p.150.

Gráfico 7: Critérios de Exemplaridade



Fonte: CARDOSO, Jorge – “*Agiológio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiológio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV.

Após o essencial esclarecimento acerca dos vários tipos de critérios, é necessário mencionar que as categorias utilizadas na construção do gráfico apresentado correspondem a uma classificação pessoal dos critérios de exemplaridade.

Depois de uma identificação minuciosa dos critérios de exemplaridade referidos (Anexo2), percebemos que a mulher portuguesa da época Moderna deveria pautar a sua conduta, sobretudo, por comportamentos de índole *Espiritual*, na medida em que perfazem 84% do total dos paradigmas verificados. Neste panorama, destaca-se a Oração (280) que se encontrava presente em todos os momentos da vida da mulher, uma vez que é, sem dúvida, o comportamento mais referenciado ao longo de todas as biografias selecionadas do *Agiológio Lusitano*. As Mortificações (223) – castigos impostos pelas próprias, na tentativa de sublimar a alma em relação ao corpo – são, também, muito indicadas, nas suas várias vertentes: o autoflagelo, isto é, a dor voluntariamente infligida ao corpo; a privação de alimentos e outras necessidades ou a anulação de qualquer tipo de prazer. A Penitência (209) também, se encontra nitidamente presente. Atendendo, ainda, a critérios de cariz espiritual, devemos evidenciar a grande representatividade de qualificativos como a Humildade (206) – associada ao desprezo do mundano, da luxúria ou de si própria – que, desde logo, está marcadamente difundida na mensagem da Sagrada Escritura e a Devoção, que surge referida em 174 biografadas, nas quais, como foi explorado anteriormente, é plausível identificar para 92 casos as principais venerações narradas, destacando-se, sumariamente, a veneração da Paixão de Cristo, do Santíssimo Sacramento, das Almas do Purgatório – momentos bíblicos de adoração – ou da Virgem Maria, nas suas distintas aceções, e outros santos católicos.

Numa posição secundária surgem os critérios *Atuantes*, com uma representatividade de 9%, dos quais ressalta a Caridade (156), como o comportamento mais referenciado, que se interliga intrinsecamente com a Assistência (65) e o cuidado



com os pobres e doentes. Note-se que se manifestam alguns casos de mulheres que fizeram da sua casa ou da propriedade da família, autênticos hospitais de apoio aos mais pobres. Desta forma, verifica-se que era um comportamento retratado em todas as mulheres e, acima de tudo, característico da mulher casada e viúva, uma vez que correspondia a uma ação que facilmente podia ser partilhada com as religiosas, que, igualmente, nos conventos atuavam junto dos mais necessitados.

Por último, os dados quantitativos apurados a partir da fonte revelaram que 7% dos códigos comportamentais são de índole *Pessoal*, dos quais podemos, desde já, salientar a Virgindade, diretamente mencionada em 34 biografias, e que coincide com uma das virtudes mais defendidas e prezadas pela Igreja Católica. Aliás, como mencionado anteriormente, a conduta sexual feminina constituía um dos fatores diferenciadores e classificativos da condição da mulher católica, sendo que, por isso, também, a Castidade (20) era muito valorizada, uma vez que a aproximava da santidade. A Modéstia (34) é outro critério enaltecido ao longo do *Agiológio Lusitano*, no sentido em que é um comportamento de cariz pessoal e que se relaciona com a atitude individual de cada um. Além disso, devemos, ainda, ressaltar a Honestidade (22) como valor a ter em consideração já que se encontra associada à personalidade e ao carácter de cada uma das biografadas e corresponde ao quarto critério pessoal mais referenciado.

### **3.3.2. Modelos de exemplaridade. Alguns exemplos**

Após apresentarmos a análise estatística e quantitativa dos critérios de exemplaridade refletidos no *Agiológio Lusitano*, carece que procedamos ao estudo qualitativo dos comportamentos que deveriam ser imitados pela Mulher portuguesa católica. Neste seguimento, começaremos por dividir a exposição tendo em linha de conta a condição das mulheres, isto é, por um lado, iremos apresentar as principais condutas para a mulher religiosa e, por outro, para a mulher leiga – nas suas distintas aceções: solteira, casada e viúva – pelo que, de modo a “dar” vida à História, procuramos para cada uma das vertentes ilustrar com um exemplo real referenciado na fonte.

Não obstante, antes de mais, consideramos necessário divulgar a imagem vulgarizada da mulher portuguesa da idade Moderna patente na bibliografia escolhida. Deste modo, Antónia Conde alude que, em Portugal, nos séculos XVII e XVIII, a invisibilidade das mulheres na vida social era muito significativa, visto que muitas viviam

encerradas em casa ou nos conventos, guardadas pelos pais, maridos e confessores<sup>63</sup>. No entanto, não se pode considerar esta situação como a regra geral no contexto nacional, pois a grande maioria das mulheres portuguesas pertenciam ao terceiro estado e tinham que trabalhar para auxiliar no sustento da família e, portanto, revelavam uma maior liberdade no que concerne ao controlo masculino.

No que diz respeito à mulher religiosa, o Padre Manuel Bernardes estabeleceu o modelo de *Boa Freira*<sup>64</sup>, traçando-lhe, em concreto, o perfil ideal:

pobre, que rezava e observava a Regra; que era pontual ao Coro e mais atos da comunidade; que ouvia a missa e lia livros devotos; que cumpria as obrigações do ofício; que visitava e servia as enfermas; que fazia penitência; que ajudava com o sufrágio das Almas do Purgatório, e que, enfim, trabalhava na almofada ou no bastidor e nas coisas necessárias na cela.<sup>65</sup>

Concomitantemente, na bibliografia<sup>66</sup> é possível assinalar, do mesmo modo, o modelo de *Perfeita Religiosa*, sendo que são apontadas precauções relativamente à manutenção da castidade, através do castigo dos cinco sentidos:

olhos baixos, para mortificar a vista; alimentos grosseiros, para mortificar o gosto; silêncio, para mortificar a audição; vestidos rugosos e leitos duros, para mortificar o tato; escrúpulo mesmo de cheirar uma flor, para mortificar o olfato.<sup>67</sup>

Os modelos acima descritos encontram-se marcadamente difundidos nas biografias do *Agiolóio*, uma vez que, atendendo somente às mulheres religiosas, podemos observar critérios referentes à observância da *Regra*, à frequência da oração no Coro, ao trabalho em comunidade, sejam as tarefas mais nobres, como a leitura no coro ou na missa, sejam os trabalhos mais humildes, como a limpeza das celas ou o auxílio aos doentes na enfermaria. Além disso, muitas vezes, são mencionados os atos de penitência e de mortificação que estas religiosas praticavam, sendo que são mesmo indicadas algumas técnicas para o realizarem. Na incapacidade de elegermos um caso exemplificativo, decidimos retirar uma expressão – neste caso, utilizada para descrever a

---

<sup>63</sup> LEAL, Ivone Freitas – “As Mulheres na via religiosa portuguesa: fontes, itinerários e problemáticas”. In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (cord.) – “*Vozes da vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*”, p. 18.

<sup>64</sup> Manuel Bernardes foi um presbítero da Congregação do Oratório de S. Filipe de Nery que viveu na passagem do século XVII para o século XVIII.

<sup>65</sup> CONDE, Antónia Fialho – “Expressões de religiosidade e misticismo no jardim fresco de S. Bento de Cástris”, p. 93.

<sup>66</sup> Para aprofundar a questão da Perfeita Religiosa em Portugal consultar: CONDE, Antónia Fialho – “Modelos em vida, paradigmas na morte. A construção da perfeita religiosa em Portugal”. In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (et al.) – “*Sociabilidades na vida e na morte (Séculos XVI-XX)*”. Braga: CITCEM, 2014.

<sup>67</sup> CONDE, Antónia Fialho – “Expressões de religiosidade e misticismo no jardim fresco de S. Bento de Cástris” p. 93.

sóror Helena do Paraíso – recorrente na narrativa dos dois autores da fonte, que ilustra claramente as principais técnicas de mortificação que compõem os modelos de exemplaridade religiosa: “usando disciplinas de sangue, cilícios, e por camiza hum habito de pano grosseiro, assim trazia o corpo cheyo de chagas”<sup>68</sup>.

A identidade da mulher, em geral, e particularmente da religiosa, fundamentava-se, igualmente, no silêncio – como corrobora Isabel Morujão – e este silêncio acompanhava-a na vida de clausura e recolhimento, visto que era valorizado como um meio especialmente eficaz de oração e intimidade com Deus<sup>69</sup> e, como tal, assistimos a casos de mulheres que declararam voto de silêncio e clausura. A título de exemplo, devemos destacar a sóror Branca de S. João, freira do convento de S. Clara de Amarante, que, a partir do momento em que professou na Ordem de S. Clara, se afastou dos pais e família, sem nunca mais falar com eles (“pois nuqua mais quis falar cõ os seus pais e irmãos; & menos co as domésticas religiosas...”<sup>70</sup>). Nesta linha de pensamento, consideramos essencial, ainda, evidenciar, uma vez mais, a caridade e a assistência aos pobres, sendo que se verificam religiosas que dedicaram a sua vida a servir os outros, como por exemplo, Isabel de S. João que dedicou a vida a cuidar de uma companheira paralítica. De igual forma, a virgindade e a castidade são condutas que pautavam a vida das religiosas portuguesas, aliás constituíam uns dos critérios mais defendidos.

Atendendo, agora, à mulher Leiga é premente, antes de tudo, separar a mulher casada da mulher viúva, uma vez que as distintas condições lhe conferiam comportamentos diferentes. Neste sentido, intrinsecamente tida como afetada por qualificativos negativos, a mulher no seu geral, particularmente a leiga, era ainda, no século XVII e XVIII, vista como um perigo para os homens, como a encarnação do pecado, “tagarela, maldizente e lasciva, é interesseira e propensa ao capricho e mau gosto...”<sup>71</sup>. Todavia, como foi perceptível, a mulher solteira é preferível a qualquer outro estado, dado que a pureza da sua condição a aproxima do divino. Por esta razão, como vimos, a virgindade e a castidade eram critérios de exemplaridade muito prezados na Igreja Católica. As mulheres que optavam pela vida religiosa deviam seguir rigorosamente estes preceitos, de modo a viverem em conformidade com a tradição cristã

---

<sup>68</sup> SOUSA, António Caetano de – “*Agiolégio Lusitano dos Sanctos e Varones illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana e Academia Real, 1744, p. 532.

<sup>69</sup> Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões – “*Mulher: espírito e norma*”, pp. 52-53.

<sup>70</sup> CARDOSO, Jorge – “*Agiolégio Lusitano dos Sanctos e Varones illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. II. Lisboa: Officina Henrique Valente D’ Oliveira, 1657, p. 600.

<sup>71</sup> LOPES, Maria Antónia, “Estereótipos de “a mulher” em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”, p. 33.

e, portanto, eram qualidades suas que obrigatoriamente tinham de ser defendidas. O caso apresentado no *Agiolégio Lusitano* que melhor retrata a defesa destes princípios corresponde à biografia da já referida, Maria da Cortiçada. Maria era uma jovem pastora que foi morta por um cruel mancebo quando pastava as ovelhas do seu pai. Esta jovem foi considerada uma *mártir virgem* uma vez que, segundo o padre Jorge Cardoso, “padeceu por guardar inestimável margarita da castidade”<sup>72</sup>, ou seja, faleceu para preservar a sua honra e virtude.

Relativamente à mulher casada da época Moderna, ninguém questiona a sua subordinação, imposta pela natureza e pelo próprio Deus, já que, segundo Antónia Lopes, ao longo dos quatro séculos que constituem o período histórico estudado, poucos conseguiram perspetivar os dois géneros como idênticos. No fundo, são seres radicalmente distintos e, por isso, logicamente hierarquizados por essa diferença<sup>73</sup>. Assim, na mentalidade da época, as casadas nascem e vivem para obedecer ao marido e para serem mães, sendo que estes devem ser a sua vocação natural. Partindo deste pressuposto, compreende-se que além de critérios como a oração mental, a humildade ou a discricção, a mulher casada devia caracterizar-se pela fidelidade e submissão, pelo apoio e zelo do marido. Só assim atingia a *perfeição conjugal* que lhes era imposta. Desta forma, os comportamentos e regras a adotar prendiam-se na sua maioria com o bom governo e administração da casa e a educação dos filhos. Um exímio exemplo de *boa esposa* representado na fonte documental é a rainha Filipa de Lencastre, esposa de D. João I, um modelo de nobre e esposa portuguesa, uma vez que, como referem os autores, governou com prudência ao lado do seu marido, ajudou-o na pacificação do reino e esteve sempre ao seu lado. Além disso, caracterizou-se pela caridade, através da atribuição de grandes esmolas aos pobres e na assistência aos doentes.

Aliás, os critérios de carácter atuante têm maior representatividade nas mulheres casadas já que, por um lado, o amor preferencial pelos pobres e a apologia da pobreza constituem dois princípios primordiais católicos na época Moderna e, por outro, as mulheres casadas, sobretudo, da classe mais elevada, tinham maior facilidade em fornecer a ajuda necessária aos mais necessitados. Exemplo disso foi D. Filipa de Castro, esposa de D. João de Castro, procurou fazer da sua casa um hospital para os pobres pelo que

---

<sup>72</sup> CARDOSO, Jorge – “*Agiolégio Lusitano dos Sanctos e Varones illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. II. Lisboa: Officina Henrique Valente D’ Oliveira, 1657, p. 416.

<sup>73</sup> LOPES, Maria Antónia, “Estereótipos de “a mulher” em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”, p. 33.

aplicou a sua vida no auxílio dos outros, constituindo, por isso, um notável *exempla*. No fundo, a mulher casada tinha o seu papel no âmbito familiar reduzido à procriação, ao agrado do marido e à educação dos seus filhos e, como tal, os seus comportamentos eram orientados no sentido de satisfazer as suas funções, pelo que assistimos à defesa da fidelidade, da caridade e assistência ou da humildade.

Por último, importa tratarmos da mulher viúva para a qual, como a historiografia indica, não é fácil propor um modelo inequívoco, como acontece com as casadas, pois as condições que o estado de viuvez coloca às mulheres é bastante distinto. Precisamente entre estas se firmava, mesmo que nem sempre possível, a tendência para a chamada viuvez casta, que a doutrina cristã encorajava. Perante esta situação, adivinhavam-se três possibilidades: um novo casamento, passando a reger-se, novamente, pelas condutas de casada, a vida religiosa ou embora não professando viviam como se o tivessem feito. Relativamente ao segundo caminho, só as que dispunham de meios ou enquadramento social, facilitador de uma vivência religiosa, é que elegiam a religião como opção de vida, por exemplo, é o caso da sóror Catarina de Cristo ou de Madalena das Chagas, que só professaram numa ordem religiosa depois dos 50 anos de idade. No entanto, verificaram-se mulheres que optaram pela terceira hipótese e nunca professaram, contudo procuraram viver recolhidas e em concordância com a tradição católica, sendo que, por isso, fundaram Recolhimentos, de que são modelos D. Aldonça de Mendonça e Maria do Lado, duas nobres portuguesas que após a morte dos respetivos maridos procuraram retirar-se do mundo.

A literatura hagiográfica da época Moderna escorava a construção da santidade, em grande parte, na valorização de virtudes como a Caridade, a Misericórdia e a Assistência. Assim, à semelhança do que ocorre com as casadas, também, eram comportamentos esperados nas viúvas. Aliás, podemos destacar a figura de D. Joana de Vilhena, Condessa de Vimioso que, segundo D. António de Sousa, após enviuar se dedicou aos mais pobres e os ajudou sempre com esmola e assistência na enfermidade.

### **Considerações finais**

Fruto e reflexo da ideologia católica que caracterizava a cronologia histórica em estudo, compreendemos que a Igreja controlava e influenciava o pensamento, mentalidades e comportamentos da sociedade portuguesa.

Partindo deste pressuposto, a análise da fonte – considerada como uma das mais completas e influentes obras hagiográficas da época Moderna – permitiu-nos contactar com o modelo feminino português eleito. Deste modo, tendo em atenção a proveniência da mulher, nobre ou de ascendência mais humilde, percebemos que o modelo de *religiosa solteira* era o mais representado. De facto, a Igreja católica valorizava, acima de tudo, a vida conventual, demonstrando-se como a opção de vida mais popularizada pelas autoridades católicas, no século XVII. Aliado a isto, como verificamos, as mulheres eram, igualmente, classificadas segundo a sua conduta sexual. Por isso, a mulher virgem, ou seja, a mulher que renunciava consciente e voluntariamente à sexualidade, era a mais louvada pela Igreja, já que esta instituição, associava o estado virginal – que as solteiras e comprometidas deveriam preservar – a uma condição de pura castidade e inocência.

Atendendo a uma perspectiva mais espiritual, este artigo proporcionou conhecer as principais tendências espirituais. No *Agiolégio Lusitano*, a Ordem de S. Clara e a Ordem dos Pregadores foram as mais referidas, o que significa que foram as ordens religiosas que maior número de ilustres veneráveis albergaram e “produziram”. Todavia, como ficou esclarecido, não é possível estabelecer uma ligação entre estas religiosas, em particular, com as características e comportamentos que justificassem a sua maior presença na fonte.

Neste seguimento, foi-nos permitido, de igual modo, realizar uma abordagem em termos de idade à morte e sua distribuição geográfica. Em primeiro lugar, este estudo possibilitou compreender o “ideal de morte”, isto é, perceber qual o tipo de morte eleito pela Igreja, concluindo-se que, além do martírio – morte gloriosa na visão cristã – todo o tipo de morte que envolvesse sofrimento e desespero era preferido. Em segundo, foi viável perceber a distribuição na sua filiação religiosa no território português, com uma maior incidência em Lisboa e na área circundante, reflexo da maior presença de instituições e ordens religiosas.

Na cronologia estudada, a mística e o extraordinário constituíram elementos fundamentais para alcançar e corroborar o caminho para a santidade. Assim, através de alguns casos em concreto, conseguimos conjecturar quais as manifestações e práticas extraordinárias que caracterizavam as correntes de misticismo em Portugal. Como ficou comprovado, as visões, aparições e revelações correspondiam aos tipos de práticas maravilhosas mais referenciadas no *Agiolégio*, sendo, por isso, possível afirmar que, na sua grande maioria, diziam respeito a acontecimentos que ocorreram em vida. No entanto, encontraram-se mencionados, igualmente, milagres pós-morte, ainda que num número



[Consult. a 11 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [Agiologia lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquist... \(purl.pt\)](http://purl.pt/10400/14/13496)

CARDOSO, Jorge – “*Agiologia Lusitano*”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002. Edição Facsimilada. [Em Linha] [Consult. a 11 Out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=001478&set\\_entry=000002&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=001478&set_entry=000002&format=999)

SOUSA, António Caetano de – “*Agiologia Lusitano dos Sanctos e Varones illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana e Academia Real, 1744. [Em Linha] [Consult. a 11 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [Agiologia lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquist... \(purl.pt\)](http://purl.pt/10400/14/13496).

## Estudos

AZEVEDO, Carlos Moreira – “*Dicionário de História Religiosa de Portugal*”. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. Vol.1, 2, 3 e 4. [Em Linha]. [Consult. a 12 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: <http://hdl.handle.net/10400.14/13496>.

CAEIRO, Maria Margarida – “A Mulher na Família nos séculos XVI e XVII”. In *A Mulher na História: Actas do colóquio sobre temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita, 2000. p. 192-202. [Em Linha]. [Consult. a 14 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://www.academia.edu/924842/A\\_Mulher\\_na\\_Hist%C3%B3ria\\_Actas\\_do\\_Col%C3%B3quio\\_sobre\\_a\\_tem%C3%A1tica\\_da\\_Mulher](https://www.academia.edu/924842/A_Mulher_na_Hist%C3%B3ria_Actas_do_Col%C3%B3quio_sobre_a_tem%C3%A1tica_da_Mulher).

CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da – “*Espiritualidade e religiosidade no Portugal moderno*”. Porto: [Edição do Autor], 1996. [Em Linha]. [Consult. a 22 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=002618&set\\_entry=000005&format=405](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=002618&set_entry=000005&format=405)

CONDE, Antónia Fialho – “Expressões de religiosidade e misticismo no jardim fresco e ameno de S. Bento de Cástris”. In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Marques, Tiago Pires (cord.) – “*Vozes da vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*”. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia. Centro de Estudos de História Religiosa, 2015. ISBN 978-972-8361-61-7.

CONDE, Antónia Fialho – “Modelos em vida, paradigmas na morte: a construção da perfeita religiosa em Portugal”. In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (et. al) – “*Sociabilidades da vida e na morte (Séculos XVI-XX)*”. Braga: CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço e Memória), 2014. ISBN: 978-989-8612-10-6.



DIAS, José da Silva – “*Correntes de Sentimento Religioso em Portugal: séculos XVI a XVIII*” (Tomos I e II). Coimbra: Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.) – “*História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*”. Porto: Edições Afrontamento, [D.I. 1993-1995]. Vol.3. ISBN:972-36-0334-9.

Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões 4 – “*Mulher: espírito e norma*”: Atas de São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2009.

Espiritualidade e Corte em Portugal – “*Espiritualidade e corte em Portugal: séculos XVI a XVIII*”. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Cultura Portuguesa, 1993. (Anexo da Revista da Faculdade de Letras). [Em Linha] [Consult. a 24 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=002692&set\\_entry=000006&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=002692&set_entry=000006&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Agiologia Lusitano: Estudo e Índices (Encontros e compromissos da literatura hagiográfica e da história religiosa)*”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2002. [Em Linha]. [Consult. a 12 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=002692&set\\_entry=000006&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=002692&set_entry=000006&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Entre a família e a religião: a vida de João Cardim: 1585-1615”. Separata In *Lusitana sacra: revista do Centro de Estudos de História Religiosa*. 2ª serie, tomo V (1993). p. 93-120. [Em Linha]. [Consult. a 27 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=002852&set\\_entry=000001&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=002852&set_entry=000001&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*Espelhos, Cartas e Guias: Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*”. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1995. [Em Linha]. [Consult. a 27 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=002864&set\\_entry=000001&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=002864&set_entry=000001&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Francisco de Monzón e a “princesa cristã””. Separata In *Espiritualidade e corte em Portugal: séculos XVI a XVIII*”. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987. (Anexo da Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas), p. 109-121. [Em Linha]. [Consult. a 27 out. 2020] Disponível em: <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=002888&set\\_entry=000002&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=002888&set_entry=000002&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “História, santidade e Identidade. O Agiologia Lusitano de Jorge Cardoso e o seu contexto”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 1996. Vol.3, p. 25-68. [Em Linha]. [Consult. a 13 out.

2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=001490&set\\_entry=000001&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=001490&set_entry=000001&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Recordar os ‘Santos vivos’: leituras e práticas devotas em Portugal nas primeiras décadas do século XVII português”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 1994. Vol. 1, p. 133-157. [Em Linha]. [Consult. a 12 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=001495&set\\_entry=000001&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=001495&set_entry=000001&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Viúvas ideais, viúvas reais: modelos comportamentais e solidão feminina (séculos XVI-XVII)”. Separata in *Faces de Eva: estudos sobre a mulher*, 1999. n.º 1-2, p. 51-86. [Em Linha]. [Consult. a 27 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=002899&set\\_entry=000001&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=002899&set_entry=000001&format=999)

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “*A biblioteca de Jorge Cardoso (1669), autor de Agiologóio Lusitano: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*”. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2000. [Em Linha]. [Consult. a 12 Out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23\\_1/apache\\_media/MUFFM35XTG32FBS34N2S\\_DIV8G483A6.pdf](https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/MUFFM35XTG32FBS34N2S_DIV8G483A6.pdf)

FONTES, João Luís – “Em torno de uma experiência religiosa feminina: as mulheres da pobre vida de Évora”. In *Lusitania Sacra: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, 2015. n.º 31, p. 51-71. [Em Linha]. [Consult. a 01 nov. 2020] Disponível em: WWW <URL: <https://revistas.ucp.pt/index.php/lusitaniasacra/article/view/5640/5461>.

FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Marques, Tiago Pires (cord.) – “*Vozes da vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*”. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia. Centro de Estudos de História Religiosa, 2015. ISBN 978-972-8361-61-7.

LEAL, Ivone Freitas – “As Mulheres na via religiosa portuguesa: fontes, itinerários e problemáticas”. In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Marques, Tiago Pires (cord.) – “*Vozes da vida Religiosa Feminina: Experiências, Textualidades e Silêncios (Séculos XV-XXI)*”, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia. Centro de Estudos de História Religiosa, 2015. ISBN 978-972-8361-61-7.

LOPES, Maria Antónia - “Estereótipos de "a mulher" em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”. In Maria Antonietta Rossi – *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)*. Viterbo: Sette Città, 2017. p. 27-44. [Em Lina]. [Consult. em 15 out. 2020] Disponível em: WWW <URL:

[https://www.academia.edu/34344301/LOPES\\_Maria\\_Ant%C3%B3nia\\_Estere%C3%B3tipos\\_d\\_e\\_a\\_mulher\\_em\\_Portugal\\_dos\\_s%C3%A9culos\\_XVI\\_a\\_XIX](https://www.academia.edu/34344301/LOPES_Maria_Ant%C3%B3nia_Estere%C3%B3tipos_d_e_a_mulher_em_Portugal_dos_s%C3%A9culos_XVI_a_XIX)

MENDES, Paula Cristina Almeida – “‘Vidas’, ‘Histórias’, ‘Crónicas’, ‘Tratados’: sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séculos XVI -XVIII)” In *Lusitana Sacra: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, 2013. Vol.28, pp. 173-214. [Em Linha] [Consult. a 13 dez. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13202/1/LS\\_2013%2828%29\\_173-214.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13202/1/LS_2013%2828%29_173-214.pdf)

MENDES, Paula Cristina Almeida – “A pobreza e a caridade como "virtudes heroicas" no Portugal da época Moderna: textos e contextos”. In *Via Spiritus: Representações dos pobres: espiritualidade, estética, sociologia*. Porto: CITCEM, 2018. n°25, pp. 91-125. [Em Linha]. [Consult. a 01 nov. 2020] Disponível em: WWW < URL: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16615.pdf>

MENDES, Paula Cristina Almeida – “Entre a aprendizagem da santidade e a predestinação divina: algumas notas sobre a infância e a adolescência em «Vidas» de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII)”. In *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 2012. Vol. 19, pp. 123-143. [Em Linha]. [Consult. a 01 nov. 2020] Disponível em: WWW < URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=003022&set\\_entry=000001&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=003022&set_entry=000001&format=999)

MENDES, Paula Cristina Almeida – “*Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos de «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*”. Porto: CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2017. [Em Linha]. [Consult. em 16 out. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=001589&set\\_entry=000002&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=001589&set_entry=000002&format=999)

RANGEL, Leonardo Coutinho de Carvalho – “*Esposas de Cristo: santidade e fingimento no Portugal seiscentista*”. Salvador: [Edição do Autor], 2018. [Em Linha]. [Consult. a 01 nov. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set\\_number=003023&set\\_entry=000001&format=999](https://catalogo.up.pt/F/?func=full-set-set&set_number=003023&set_entry=000001&format=999)

SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini – “*Direito e Gênero: Rui Gonçalves e o Estatuto jurídico das mulheres em Portugal no séc. XVI (1521-1603)*”. Goiás: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de ciências Humanas e Filosofia, 2007. [Em Linha]. [Consult. a 01 nov. 2020] Disponível em: WWW <URL: [https://www.academia.edu/3323217/DIREITO\\_E\\_G%C3%80NERO\\_RUI\\_GON%C3%87ALVES\\_EO\\_ESTATUTO\\_JUR%C3%8DDICO\\_DAS\\_MULHERES\\_EM\\_PORTUGAL\\_NO\\_S%C3%89C\\_XVI\\_1521\\_1603](https://www.academia.edu/3323217/DIREITO_E_G%C3%80NERO_RUI_GON%C3%87ALVES_EO_ESTATUTO_JUR%C3%8DDICO_DAS_MULHERES_EM_PORTUGAL_NO_S%C3%89C_XVI_1521_1603)

SERRA, Pedro – “*Da figura histórica à voz anónima. Aproximação aos exempla femininos no discurso moralístico sobre o casamento (séculos XVI- XVIII)*”. In *eHumanista*: Universidade da



	Generosidade	2
	Misericórdia	16
	Pacificação	1
	Perfeição Conjugal	2
	Solidariedade	1
<b>Espiritual</b>	Abatimento	5
	Abstinência	78
	Alegria na Morte	33
	Amor a Deus	5
	Amor ao inimigo	2
	Amor ao próximo	9
	Ânimo	2
	Autoflagelo	23
	Benevolência	1
	Choro	114
	Clausura	23
	Compaixão	10
	Contemplação	50
	Continência	1
	Desprezo de si própria	10
	Desprezo do mundano	23
	Devoção	175
	Disciplinas	131
	Humildade	206
		Inimiga da Ociosidade
	Jejum	155
	Mansidão	17
	Meditação	52
	Mortificação	223
	Não renunciar à Fé	14
	Obediência	77
	Observância	117

<b>Espiritual</b>	Oração	280
	Paciência	131
	Penitência	209
	Piedade	43
	Pobreza	97
	Pureza	85
	Recolhimento	60
	Resignação	30
	Reverência	5
	Serenidade	7
	Silêncio	79
	Sinceridade	5
	Submissão	6
	Temor	6
	Tolerância	3
	Vida austera	23
	Vigilância	1
	Vigílias	16
Zelo	21	
<b>Pessoal</b>	Candidez	10
	Castidade	20
	Constância	2
	Discrição	9
<b>Pessoal</b>	Encerramento	1
	Gravidade	3
	Honestidade	22
	Inocência	21
	Instrução	7
	Modéstia	34
	Prudência	31
	Pudicícia	4

LOPES, Ana Catarina Lebres – “A mulher e a espiritualidade na Época Moderna: modelos comportamentais e critérios de exemplaridade no Agiologio Lusitano”, in *Omni Tempore. Atas dos Encontros da Primavera 2021*, 7 (2022), pp. 159-197.

	Seriedade	1
	Simplicidade	9
	Trabalhadora	21
	Virgindade	34
<b>TOTAL</b>		<b>3183</b>

**Fonte:** CARDOSO, Jorge – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. I, II, III. e SOUSA, António Caetano de – “*Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varones ilustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*”. Vol. IV